

OS NOMES DOS ALUNOS DO IFRS *CAMPUS* BENTO GONÇALVES: UM ESTUDO ONOMÁSTICO

Kleber Eckert*

Resumo: O presente artigo propõe-se a fazer um estudo antroponímico a partir dos nomes do corpo discente do IFRS *campus* Bento Gonçalves. Para tanto, fez-se um levantamento dos 10 prenomes ou nomes pessoais que ocorrem com mais frequência, os quais foram analisados quantitativa e etimologicamente, levando-se em conta também os usos desses nomes no Rio Grande do Sul e no Brasil. Além disso, discutem-se questões relacionadas à onomástica e, dentro dela, a antroponímia.

Palavras-chave: Onomástica. Antroponímia. Prenomes. IFRS *campus* Bento Gonçalves

1 Introdução

Este artigo é o resultado das primeiras considerações advindas do projeto de pesquisa intitulado “Perfil antroponímico dos estudantes do IFRS *campus* Bento Gonçalves”, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. O projeto como um todo tem por objetivo principal traçar um perfil antroponímico completo dos estudantes do *campus* regularmente matriculados no ano de 2015, e as discussões acerca do prenome ou nome pessoal, desenvolvidas neste artigo, inserem-se nesse objetivo.

Neste texto, efetua-se uma discussão teórica acerca da onomástica – ciência dos nomes próprios – a partir dos pressupostos de Vasconcelos (1931), Dauzat (1950), Guérios (1973), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Seabra (2006), Mioranza (2009) e Marcato (2009). Especificamente sobre a antroponímia, cujo objeto de estudo é o nome próprio de pessoa, são feitas ponderações quanto aos aspectos linguísticos, psicológicos e sociais, principalmente sobre os prenomes, objeto de reflexão deste artigo, com base em Obata (1986), Martins (2002), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Carvalhinhos (2007), Marcato (2009) e Frosi (2014).

Quanto à metodologia de pesquisa, inicialmente foram listados todos os nomes dos alunos regularmente matriculados no ano de 2015 no *campus* Bento Gonçalves em planilhas

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – *Campus* Bento Gonçalves. Doutor em Letras (2014) pela Universidade de Caxias do Sul – UCS.



Excel. A seguir, foram separados todos os nomes e sobrenomes e, de posse de todos os nomes, verificou-se o gênero de cada um deles e ordenou-se uma lista de modo a se chegar aos nomes com a maior quantidade de ocorrências. De posse dos 10 nomes mais frequentes, foi feita uma análise etimológica de cada um deles, bem como uma comparação com os nomes mais populares do Brasil e do Rio Grande do Sul.

A análise etimológica baseou-se em Guérios (1973), Obata (1986), Andrade (1994) e Oliver (2005). As comparações em relação à frequência deram-se a partir de um levantamento da proScore sobre os nomes mais usados no Brasil, de um estudo realizado por Klering (1988) sobre os nomes e sobrenomes mais frequentes no Rio Grande do Sul e de uma planilha de dados disponível em www.aspenrs.com.br, com os nomes mais utilizados nos registros das crianças nascidas no Estado durante o ano de 2015.

É preciso ainda ressaltar que o presente artigo é a etapa inicial de uma pesquisa que está em processo e que a publicação desses primeiros resultados encontra justificativa na importância da divulgação do conhecimento científico. O *corpus* que possibilitou as análises aqui realizadas poderá servir para outros estudos, como o dos sobrenomes e, conforme informado anteriormente, para traçar o perfil antroponímico completo dos estudantes do IFRS *campus* Bento Gonçalves.

2 A onomástica

O léxico de uma língua é definido, por tradição, como o conjunto de palavras que formam essa língua, e é o responsável, nas palavras de Seabra (2006, p. 1953), “por nomear e exprimir o universo de uma sociedade”. A ciência que estuda o patrimônio lexical de uma língua é a lexicologia, e dela faz parte a onomástica que, em linhas gerais, tem por objeto de estudo a origem, a formação e os significados dos nomes próprios, seja de pessoas, seja de lugares.

De origem grega, o termo onomástica é formado pelos elementos *onoma* (nome) e *tékne* (arte), resultando na palavra *onomastiké*, que significa a arte de nomear. O termo evoluiu e a forma grega aparece no latim tardio como *onomasticon* que, por sua vez, chega ao português como onomástica, não obstante haja pesquisadores que adotem a forma onomasiologia (GUÉRIOS, 1973, p. 15) ou onomatologia (VASCONCELOS, 1931, p. 3). Para Mioranza (2009), a disciplina está em constante diálogo com outras áreas da linguística, dentre elas, com a linguística histórica que

estuda as raízes antigas e distantes que propiciaram o surgimento e a fixação dos nomes e sobrenomes. Essa parte da linguística, que busca origens e remonta aos vocábulos antigos, é chamada de etimologia. Os estudos etimológicos se voltam, portanto, sempre para o passado e procuram interpretar não somente as raízes

lexicais como também todo o contexto histórico e social em que elas surgiram (MIORANZA, 2009, p. 27).

Conforme já assinalado acima, a disciplina possui dois grandes campos de investigação: a antroponímia e a toponímia. A primeira, também conhecida como antroponomástica, é a que se ocupa dos nomes próprios de pessoa, isto é, dos antropônimos. A segunda, chamada também de toponomástica, é a que se refere aos estudos dos nomes de lugar, ou seja, aos topônimos. A visão em duas grandes áreas é apresentada por Guérios (1973), ao afirmar que

o estudo dos nomes próprios classificam-no primordialmente em *nomes de pessoas*, a que se dá o título de *Antroponímia* (expressão que pela primeira vez foi empregada por J. Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana*, I, 45), e em *nomes de lugares* ou *geográficos*, que se denomina *Toponímia* (nomes de nações, províncias, cidades, sítios, montanhas, vales, rios, etc.) (GUÉRIOS, 1973, p. 15, grifos do autor).

Mesmo que a onomástica seja estudada nessas duas grandes áreas, Seabra (2006) ressalta a confluência que existe entre a Antroponímia e a Toponímia. Nas palavras da pesquisadora:

Apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da *Onomástica – pessoa e lugar* – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo (SEABRA, 2006, p. 1954, grifos da autora).

Em relação à diferença entre o nome comum e o próprio, Guérios (1973) acredita que a distinção é artificial na perspectiva do linguista, uma vez que, na origem – seja ela remota ou não – todos os nomes próprios eram comuns. Apesar da aparente artificialidade, segundo o autor, existe uma distinção real e concreta:

Todos os vocábulos ou signos possuem “alma”, i. é, *sentido* ou *significado*, e “corpo” ou *significante*, que é, na linguagem falada, o *som*, e na linguagem gráfica a *escrita*. Ora, os nomes próprios não lembram hoje, no intercâmbio linguístico, os sentidos que despertavam outrora na sua origem, nem lembram outros, donde se conclui que são vocábulos desprovidos de “alma”, ou melhor, ficaram “petrificados”; apenas conservaram o “corpo” ou significante (GUÉRIOS, 1973, p. 15-16, grifos do autor).

Seabra (2006, p. 1955), por sua vez, confronta o signo onomástico e o signo linguístico. Enquanto neste as relações estabelecem-se entre o significante e o significado, naquele as relações estabelecem-se diretamente entre o significante e o referente. Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 15) esclarecem que a principal diferença entre os nomes próprios e os comuns é que a forma que constitui o significante do antropônimo nem sempre é associada a um conjunto de propriedades. Nesse sentido, eles poderiam ser enquadrados como dêiticos, por sua capacidade de referência a algo ou alguém. De maneira semelhante, Marcato (2009) afirma:

Com relação a um signo linguístico, o signo onomástico é formado por um significante, uma entidade fônica que se reporta diretamente a um indivíduo, que tem a função de identificar um indivíduo no interior de uma coletividade, sem a passagem por um significado relativo a um elemento ou objeto, individual e concreto, isto é, a um “referente” (MARCATO, 2009, p. 19).

Ainda na discussão das características do signo onomástico, Marcato (2009, p. 18) apresenta e exemplifica os conceitos de opacidade e transparência desse signo. Um signo onomástico transparente verifica-se quando é possível relacionar o sobrenome a um elemento do vocabulário de uma língua. Por exemplo, o sobrenome italiano Milani, que pode claramente ser relacionado à origem toponímica, isto é, a cidade de Milano (Milão). Quando essa possibilidade não existe, é porque o signo onomástico surgiu numa época remota, quando no território em que ocorre esse signo falava-se outra língua. Nesta situação, é possível dizer que o signo é opaco.

Na mesma perspectiva de reflexão, Guérios (1973, p. 16) também discute a opacidade e a transparência do signo onomástico, citando, como exemplo de signo opaco o antropônimo Licurgo, que atualmente não lembra o primitivo caçador de lobos. Já um exemplo de signo transparente é o topônimo Bahia, pois uma localidade que assim se chama pode traduzir, de fato e na atualidade, uma baía.

Marcato (2009) acredita que, por toda a complexidade que envolve a semântica do nome próprio, é preciso examiná-lo levando em conta também uma perspectiva extralinguística, seja ela diacrônica ou sincrônica. É preciso ainda considerar a onomástica num diálogo com outras áreas, fora da linguística, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia, a história e a psicologia (MIORANZA, 2009). É o que se percebe em Dauzat (1950, p. 06), para quem “o interesse psicológico e social dos nomes de pessoas é considerável. Para quem sabe interpretá-los, os nomes carregam em sua fisionomia o reflexo, a marca das civilizações passadas”.

2.1 A antroponímia – o nome pessoal ou prenome

O nome próprio tem, para Marcato (2009, p. 30), “a função de uma etiqueta, serve para identificar um indivíduo em si, absolutamente, em referência a todos os outros que formam a coletividade”. Para Obata (1986, p. 05), “o nome é um rótulo de identificação social e uma marca de individualidade que, de alguma forma, transmite um adjetivo abstrato a seu portador”. De maneira semelhante, Carvalhinhos (2007, p. 05) diz que o fato de o nome próprio diferenciar as pessoas entre si não pode ser considerado algo tão simples assim, pois “o assunto é complexo, iniciando pelas várias acepções do nome”. Para tanto, a seguir, serão

apresentadas algumas acepções da palavra nome, de acordo com as diferentes interpretações que a ele podem ser dadas.

O nome próprio ou pessoal é também chamado de prenome ou nome de batismo. O sobrenome é o que se acrescenta ao nome próprio, herdado diretamente dos pais. O apelido é considerado por Frosi (2014, p. 393) “como um denominativo que se usa no lugar do nome [...] dado a um indivíduo para distingui-lo de outro, pela profissão que desempenha ou pelo traço que lhe é peculiar, com base numa característica física ou moral, às vezes com sentido irônico, jocoso e até sarcástico”. Outros autores utilizam no lugar de apelido o termo alcunha e ainda acrescentam à listagem o termo apodo, que difere de alcunha ou apelido pelo caráter transitório ou passageiro.

As reflexões apresentadas neste artigo têm por tema, conforme já apresentado na introdução, o prenome ou nome pessoal; portanto, essa é a acepção de nome a ser utilizada a partir deste ponto. Quanto à escolha do nome, quando nasce uma criança, Obata (1986, p. 05) crê que o nome escolhido pelos pais pode despertar certas expectativas nos filhos, especialmente quando aqueles escolhem “nomes de grandes personalidades cujos atributos estão tradicionalmente incorporados pelos grupos sociais”. O mesmo pode ocorrer, segundo a pesquisadora, quando a criança recebe o nome do pai ou do avô, até porque comparações com os portadores originais desses nomes são inevitáveis.

Obata (1986, p. 05) ressalta que deve haver uma autocrítica rigorosa acerca do gosto dos pais, principalmente no que se refere à escolha de um nome esdrúxulo para o filho. A preocupação da autora reside no fato de uma pessoa que pode ser submetida a problemas causados pelo seu nome por diferentes motivos: a) a nome ser eufonicamente desagradável; b) ter um significado extravagante ou excêntrico; c) ser um nome ao qual possa ser feita uma associação negativa.

A autora elenca várias razões para a escolha de um antropônimo, entre as quais se destacam algumas:

- a) Por motivos religiosos, adotam-se nomes bíblicos, de invocação religiosa e de santos: o santo que se festeja no dia do nascimento da criança, ou algum outro da devoção dos pais ou dos parentes próximos.
- b) Por motivos familiares ou de amizade, adotam-se principalmente os nomes dos pais ou avós, e também de outros parentes ou dos padrinhos, ou ainda de alguma pessoa (amigo ou benfeitor) que os pais queiram homenagear.
- c) Por motivos políticos ou históricos, adotam-se nomes de personalidades ou até fatos políticos ou históricos dos quais os pais são simpatizantes.
- d) Por motivo de moda, adotam-se nomes de personagens ou artistas ligados a produtos culturais em evidência, como novelas de televisão, filmes, música, etc (OBATA, 1986, p. 06).

Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 56-57) tecem algumas considerações acerca dos nomes que os pais escolhem para seus filhos e citam, por exemplo, os chamados nomes-

estímulo, como Teresinha, que remete a Jesus; João, que leva a Batista; Rita, com frequência relacionado a de Cássia. Quando os pais nomeiam seus filhos com nomes que se afastam do sistema fonológico-ortográfico de sua língua, os nomeadores podem ser tachados de excêntricos, pedantes ou até mesmo de antinacionalistas.

Quando os pais escolhem nomes de líderes políticos ou religiosos para seus filhos, evidencia-se que há uma identificação com as ideias desses líderes, e, especificamente sobre os nomes religiosos, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 47) alertam que “nomes de inspiração fortemente religiosa, mesmo com sacrifício da eufonia, mostram ser mais importante, para os pais, uma possível proteção de tal santo, que o ridículo a que expõem seus filhos”.

As mesmas pesquisadoras ainda afirmam que também há pais que se inspiram nos nomes de artistas da televisão ou do cinema, de personagens de novelas e até mesmo de ícones do esporte. O mesmo fato é mencionado por Martins (2002, p. 229-230), ao afirmar que, no Brasil, é comum os pais inspirarem-se nos nomes dos personagens das novelas para escolherem os nomes dos filhos. Em outros países, pesquisas evidenciaram que ocorre um fenômeno semelhante, principalmente em relação aos astros do cinema.

Há também aqueles que escolhem o nome do filho a partir dos nomes dos personagens de textos literários, sobre os quais as autoras ponderam que “o nome do personagem ganha concretização, se já não a possuía. É um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai se transformado em signo linguístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, pelo menos intuído” (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 63).

Já Carvalhinhos (2007, p. 02-03) explica a diferença entre a motivação antroponímica – qual nome os pais escolhem para seu filho e por quê – na atualidade e em tempos remotos. Hoje, é comum grande parte da população nomear o filho com o nome de heróis das telenovelas, principalmente aquelas exibidas em horário nobre com grande sucesso, ou então escolher o nome como uma homenagem ao santo de devoção, por uma graça alcançada. Por outro lado, “em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica estava assegurada: o indivíduo não era apenas designado por seu nome, como recebia toda sua carga conotativa” (CARVALHINHOS, 2007, p. 02). A autora exemplifica a afirmação com o nome Cícero, que vem do latim *Cicero*, em cuja raiz há o significado de grão de bico. Provavelmente, o nome teria surgido do uso como alcunha, devido a alguma marca no rosto, assemelhada a um grão de bico. Em síntese,

se hoje as sociedades ocidentais apresentam esse fenômeno do esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas, nestas mesmas sociedades durante a Antiguidade os nomes não eram atribuídos por tradição ou gosto, mas efetivamente

havia um motivo ou uma motivação para fazê-lo, fosse por atributos físicos ou morais que se quisesse imprimir no indivíduo nomeado, fosse por devoção ou pela crença que um nome sagrado ou ligado ao sagrado traria sorte ao portador do mesmo (CARVALHINHOS, 2007, p. 03).

Numa perspectiva semelhante, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 15) acreditam que o nome próprio seja uma convenção extremamente importante, isso porque em algumas culturas o nome pode conferir ao seu portador poder e prestígio. Além disso, para as pesquisadoras,

O nome próprio diz algo a respeito de seu portador, mas diz também a respeito do nomeador. Nas sociedades ditas primitivas, os nomes próprios, além da função de indicar, classificam o indivíduo como pertencente a um clã (como de resto nas sociedades modernas também) e evocam um hábito, um atributo, uma qualidade característica (verdadeira ou não) do nomeado, citando-lhe aspectos positivos ou negativos (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p.32).

Ainda quanto à origem religiosa, Martins (2002, p. 74) acredita que o cristianismo foi o responsável “pela formação de uma lista imensa de nomes, já que os pais cristãos se sentiam motivados a adotarem os nomes dos santos e mártires da Igreja” ao nomearem seus filhos. Historicamente, sobre a motivação religiosa, Carvalhinhos (2007, p. 08) explica que, desde o fim da Idade Média até o século XIX, havia certos critérios obedecidos, como a nomeação pelo santo do dia do nascimento, por devoção ou por apadrinhamento.

Já no período compreendido entre o final do século XIX e início do XX, Carvalhinhos (2007, p. 08) relata a presença de nomes com influências mitológicas e literárias, como Aurora – deusa da manhã para os romanos, e Artur – rei bretão constante na obra A Demanda do Santo Graal. Atualmente, há nomes usados no feminino e no diminutivo, especialmente os de origem religiosa. Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 40-41) citam os nomes Pascoalina, Cristina e Natalina; e, com base nos estudos do professor José Lemos Monteiro, afirmam que essa forma dos nomes pode ser entendida como depreciativo do gênero feminino, ou seja, “às mulheres toca o diminutivo, por serem de condição inferior”.

Usar nomes de flores para meninas é uma característica universal, preferindo-se a escolha de alguns que são mais eufônicos. Nesse caso, recorre-se a empréstimos de outras línguas, como ao latim (Rosa), ao árabe (Iasmin) e ao grego (Margarida), por exemplo. No caso dos meninos, essa característica mostra-se menos comum, limitando-se a Jacinto e a Narciso (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 41).

Martins (2002, p. 74) assevera que há uma grande gama de aspectos históricos a considerar na origem e no uso de cada nome de pessoa, e é praticamente impossível analisar e percorrer sobre as transformações por que eles passam em cada civilização. Sobre os nomes interditados ou proibidos, o autor cita os nomes de Hitler, Stalin, Napoleão, entre outros, como paralisados na história, uma vez que é possível associá-los a seus portadores originais.



Esses nomes – ou sobrenomes – nem sempre trazem consigo uma simbologia positiva e são, geralmente, ligados a fatos lamentáveis da história.

Na mesma perspectiva, para Mexias-Simon e Oliveira (2004), é difícil um pai nomear um filho chamando-o de Caim ou Judas, em função dos atos ignóbeis que esses personagens bíblicos cometeram. Para as autoras,

isso é uma prova de que o nome é uma dimensão do indivíduo que permanece através dos séculos a estigmatizar os que, por capricho paterno, venham a receber, como identidade social, prenomes que se tornaram execrados pelo julgamento dos que escreveram a história da humanidade ou, por herança de ancestrais, venham a ter apenso a seus nomes de batismo, um patronímico já condenado pelos tempos afora (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 149).

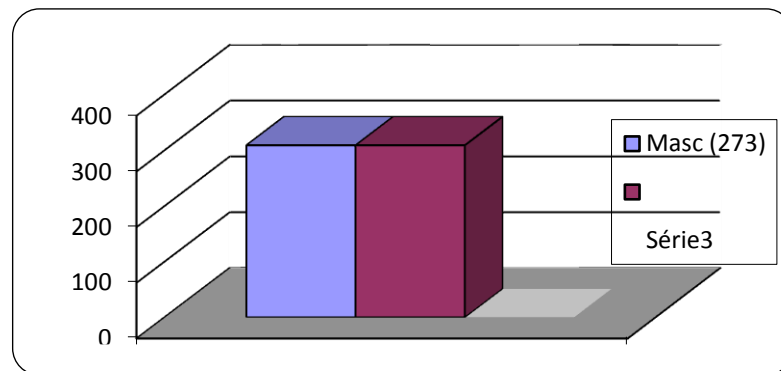
Por fim, para Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 40), existe uma gama variada de nomes que, originariamente, derivam de uma única forma, os quais se adaptam fonética e graficamente à língua ou dialeto de determinada região. O nome João escreve-se Juan em espanhol, Jean em francês, John em inglês, Johan ou Hans em alemão e Ivan em russo¹. É possível perceber que muitas das formas acima ocorrem na antroponímia do português atual e é bem possível que nem se perceba que João e Jean tenham o mesmo significado e a mesma origem.

3 Os nomes mais frequentes: quantidades, origem e etimologia

Dos 1.227 alunos regularmente matriculados no mês de março de 2015, extraíram-se 1.574 nomes no total, independentemente da posição em que eles se encontravam em relação ao nome completo, por exemplo, o nome Fernando, que pôde ser encontrado nas seguintes combinações: Fernando da Silva; Fernando Luís da Silva; Luís Fernando da Silva. Do total, puderam ser percebidos 582 nomes diferentes, entre os quais 309 femininos e 273 masculinos (Gráfico 01). De posse desses primeiros dados, já pode ser percebido que há mais variedade nos nomes femininos e menos nos masculinos. Ao analisar os nomes mais frequentes, percebe-se, no entanto, que há mais repetições nos nomes dos alunos em relação aos das alunas (Gráfico 02).

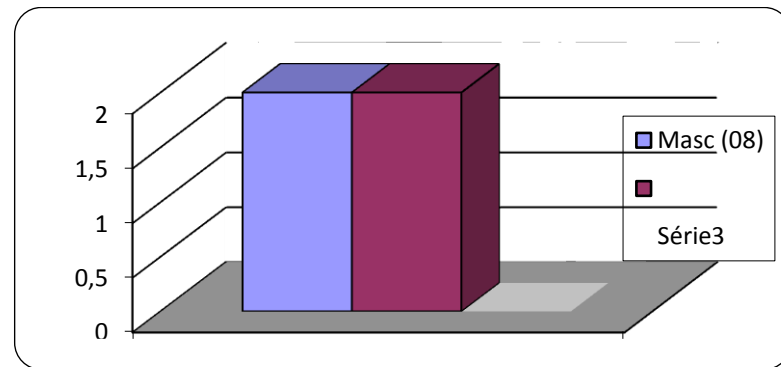
¹No *corpus* da pesquisa encontram-se 11 registros do nome João, 5 de Jean e 1 de Ivan. Embora se saiba que são diferentes formas do mesmo nome, é possível que para os portadores trate-se de nomes totalmente diferentes.

Gráfico 01 – nomes por gênero



Fonte: o autor

Gráfico 02 – 10 nomes mais frequentes por gênero



Fonte: o autor

No gráfico 02, olhando para os 10 nomes mais frequentes, percebe-se que os masculinos repetem-se mais, uma vez que nesse ranking aparecem 08 masculinos (Luís, Henrique, Eduardo, Antônio, Lucas, Guilherme, Rafael e Gabriel) e apenas 02 femininos (Maria e Júlia). Da mesma forma, em números absolutos, novamente a repetição evidencia-se nos masculinos, pois do somatório dos 10 nomes analisados, 248 no total, apenas 55 são femininos. Uma razão para esse fato poderia ser o número maior de alunos do sexo masculino, mas quando se olha para os números totais de alunos do *campus*, esse argumento não se confirma, pois há quase um equilíbrio entre o sexo masculino e feminino, correspondendo a 52,6% e 47,4%, respectivamente. Poder-se-ia inferir, então, que a motivação para uma maior diversidade de nomes femininos estaria relacionada com a criatividade, enquanto a maior repetição dos masculinos seria um ato de conservadorismo.

A seguir, apresentar-se-ão os nomes mais frequentes com análises várias, entre elas as de etimologia, simbologia e de quantidade de ocorrências, estas últimas relacionadas aos nomes mais populares do Brasil e do Rio Grande do Sul.

Luís²: é o nome masculino com a maior quantidade de ocorrências (34) em todo o *corpus* analisado. Curiosamente, ele não ocorre isolado como prenome, e sim, sempre acompanhado de outro, seja antes, seja depois, na proporção de 12 e 22, respectivamente. Quanto às combinações, as mais frequentes são Luís Eduardo, João Luís e Vinícius Luís. No Brasil, é um dos nomes mais utilizados, ocupando o sétimo lugar entre todos os nomes, num total de 2.089.191 pessoas, conforme levantamento da ProScore (2015)³. No Rio Grande do Sul, é o nome masculino mais utilizado, conforme Klering (1988), e, em 2014, por exemplo, 1.477 bebês do sexo masculino receberam esse nome no Estado, figurando entre os dez nomes masculinos mais escolhidos (ASPENRS, 2014).

Para Guérios (1973, p. 148), o nome Luís pode ter derivado do nome francês *Louis* ou do antigo espanhol *Lois* que, por sua vez, tem sua origem na forma germânica “guerreiro (wig) célebre, famoso (lud)”. O nome aparece em diversas línguas, como no alemão *Ludwig*, no franco *Chiodewech*, no inglês *Lewes* ou *Lewis*, no espanhol *Luis* e no italiano *Luigi*. Para o autor, o nome “tornou-se popular por S. Luis, rei de França, e, nos tempos modernos, por S. Luís de Gonzaga” (GUÉRIOS, 1973, p. 148). Para Obata (1986, p. 131), “a forma primitiva do nome tem origem no germânico *Hluot-wig*, combate invicto, glorioso ou ilustre na guerra, guerreiro famoso. Evoluiu rapidamente para Clodovicus e depois Ludovicus, para, finalmente, adquirir a forma moderna”. Numa perspectiva semelhante, para Oliver (2005, p. 229), o nome provém “do germânico *Hladowiko*, *Ludwig*, de *hlot*, *hlut* (famoso, ilustre, célebre) e *wig* (batalha), sign. famoso na batalha; guerreiro famoso (ilustre, célebre)”.

Maria: é o nome feminino com maior quantidade de ocorrências (33) entre os nomes das alunas do *campus* Bento Gonçalves, mas curiosamente não ocorre isolado em nenhum caso, e sim, sempre combinado com outro na seguinte proporção: 11 vezes em primeiro lugar e 22 duas vezes como segundo nome. No Brasil, entre todos os nomes – masculinos ou femininos – é o nome mais frequente, com 13.535.742 ocorrências. No Rio Grande do Sul também é o nome feminino mais frequente e, em 2014, quase 4.000 meninas receberam esse nome, despontando novamente entre todos os nomes femininos.

Quanto à origem no nome, Guérios (1973) afirma que ele deriva de uma língua semítica, com o significado de senhora. O autor ainda explica que existem várias

² O nome Luís também foi encontrado como Luis ou Luiz. Nesta pesquisa, as três formas foram consideradas o mesmo nome.

³ Todos os dados referentes aos nomes mais frequentes no Brasil encontram-se no levantamento realizado pela ProScore (2014), que apurou os 50 nomes mais utilizados no país a partir de aproximadamente 165 milhões de CPFs..

possibilidades de interpretar o étimo do nome, a partir do hebraico *Miryam*, do árabe *Maryam* e do grego *Maryám* pode significar excelsa e sublime. Obata (1986, p. 136) afirma que o nome vem do hebraico *Myriam*, “para o qual existem cerca de setenta interpretações”. Para a autora, “o uso do nome era raro até a Idade Média devido a tabus religiosos semelhantes aos existentes com relação a Cristo ou Jesus. Atualmente é um dos nomes mais populares em inúmeros países. No Brasil, é adotado com muita frequência, principalmente combinado com outros nomes” (OBATA, 1986, p. 136). Oliver (2005, p. 449) concorda com o fato de haver muitas interpretações para o nome, mas afirma que ele proveio do sânscrito *Maryâh*, significando “literalmente a pureza; a virtude; a virgindade”.

Henrique: é o nome que figura em segundo lugar (29 ocorrências) entre os nomes masculinos mais frequentes dos alunos do *campus* Bento Gonçalves e tende a ocorrer mais como segundo nome, fato que pode ser observado em 22 das 29 ocorrências. As combinações mais comuns são Fernando Henrique, Rafael Henrique, Matheus Henrique e Guilherme Henrique. No Brasil, não figura entre os 50 nomes mais comuns, mas no Rio Grande do Sul aparece na 24ª posição entre os nomes masculinos e, em 2014, apareceu na posição 20 quanto aos nomes masculinos mais dados às crianças registradas no ano, num total de 809 casos.

Guérios (1973, p. 124) identifica a origem do nome do “germânico Haganrich: senhor (rich) do couto, do souto (hagan). Menos provavelmente de Heimrich: senhor da casa do lar”. O nome foi latinizado como *Henricus* e passou a ser utilizado em espanhol como *Enrique*, em inglês como *Henry*, em francês como *Henri* e em italiano como *Enrico* e *Arrigo*. Para o autor, a difusão do nome deu-se em função dos muitos reis assim chamados. De acordo com Obata (1986, p. 100), o nome provém da forma germânica *Henrich*, com o significado de “casa poderosa ou senhor da casa, da fortaleza”. A autora também chama a atenção sobre a frequência com que o nome era usado nas casas reais da Espanha, França e Inglaterra. Ainda conforme Oliver (2005, p. 185), o nome é originado “do germânico *Haimrich*, de *heim*, *hein* (casa, lar, pátria) e *rik* (príncipe, senhor), sign. príncipe (senhor) da casa (pátria)”. O autor ressalta que o nome já era encontrado em Portugal no século XIII e que se popularizou na Inglaterra medieval. Além disso, era usado por muitos reis e imperadores.

Eduardo: é o terceiro nome masculino mais popular no *corpus* analisado, com 25 ocorrências, e tende a ser utilizado como único nome (17 ocorrências), isto é, sem combinação com outros, embora a sequência Luís Eduardo apareça duas vezes. No Brasil, figura na lista dos cinquenta nomes mais comuns, ocupando a 36ª colocação, com 438.071 ocorrências. Já no Rio Grande do Sul, Eduardo é o 9º nome masculino mais utilizado e, em

2014, foram nomeadas 804 crianças com esse nome, que ocupa a posição 21 entre os nomes masculinos mais utilizados.

Guérios (1973, p. 98) explica a origem do nome e afirma que sua raiz é anglo-saxônica, derivando de Eadweard, “guarda (weard) das riquezas, dos bens (ead)”. O autor ainda apresenta o nome em outras línguas, como em francês *Édouard*, em alemão *Eduard* e em italiano *Eduardo* e *Odoardo*. Obata (1986, p. 70-71) corrobora a origem étnico-linguística do nome em relação ao anglo-saxão, mas apresenta duas possibilidades de interpretação. Para a autora, o nome vem do “anglo-saxão *Ead-gar*, ‘lança dos bens’ ou ‘o que defende os bens com a lança’. Ou, ainda, de *Hrod-ward*, ‘guardião da riqueza’”. Para a autora, a forma antiga de *Eduardo* corresponde ao nome *Edgar* e “a sua atualidade deve-se à presença constante nas casas reais inglesas”. Tanto Andrade (1994, p. 50) quanto Oliver (2005, p. 140-141) afirmam que o nome significa guardião das riquezas, e este último ainda acrescenta que *Eduardo* “tem o mesmo significado de *Edmundo*. [...] Muito comum como nomes de reis e príncipes”.

Antônio⁴: ocupa a 4ª posição entre os nomes masculinos do *corpus*, com 25 ocorrências no total. Curiosamente, em 20 casos ocupa a posição de segundo nome, sendo Marco Antônio a combinação mais frequente, e em apenas um caso é nome isolado. O nome Antônio é bastante popular no Brasil, uma vez que está na 3ª posição entre os 50 nomes mais comuns. Também no Rio Grande do Sul é um nome frequente, ocupando o 4º lugar entre os nomes masculinos no Estado. Atualmente, embora figure na lista dos 100 nomes mais dados aos meninos no Rio Grande do Sul, encontra-se na posição de número 36, o que revela uma tendência de diminuição do uso do nome. Por outro lado, na mesma lista, o correspondente feminino Antônia figura na posição 22 entre os nomes mais dados às meninas gaúchas no ano de 2014.

Guérios (1973) esclarece que o nome vem do latim *Antonius* que, por sua vez, deriva da forma grega *Antónios*, embora o étimo seja controverso. O autor apresenta várias explicações que podem elucidar a origem do nome, ainda que não possa afirmar, com certeza, qual é, efetivamente, o significado do nome: “a gens Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. De fato, Plutarco afirma que os Antônios formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de Ánton, filho de Hércules” (GUÉRIOS, 1973, p. 55). O autor entende o nome *Ánton* como derivado da palavra jônica *antéo*, com o significado de “opor-se, fazer frente a” (GUÉRIOS, 1973, p. 55). Outra interpretação percebe em *Antonius* a

⁴ O nome Antônio também foi encontrado como Antonio. Nesta pesquisa, as duas formas foram consideradas o mesmo nome.

abreviação do nome *Antistius*, vindo do latim “antistes: chefe, principal, preeminente” (GUÉRIOS, 1973, p. 55), e há quem relacione o nome “ao latim *Antius*: o que está na vanguarda, vanguardeiro” (GUÉRIOS, 1973, p. 55). Por fim, Guérios (1973, p. 55) ainda afirma que “há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos [...] o sufixo *onius*, usual em nomes itálicos, como *Antonius*, etc.”.

Obata (1986, p. 30) também afirma que a origem e o significado são controversos e que “provavelmente é um nome etrusco cujo significado perdeu-se no tempo”. Além das possibilidades apontadas anteriormente por Guérios (1973), Obata (1986) acrescenta duas mais: “do grego *Anthos*, 'flor', e por extensão 'o florescente'; ou de *Anti-onos*, 'antiasnos', isto é, 'o inimigo dos burros, dos ignorantes’” (OBATA, 1986, p. 30). Oliver (2005, p. 76) acrescenta que “a popularidade do nome deve-se a Antônio, o Grande, asceta egípcio cujo culto foi difundido no Oriente, no tempo das Cruzadas. Foi nome de uma *gens* romana cujo mais famoso membro foi Marco Antônio”.

Lucas: é o 5º nome masculino mais representativo do *corpus*, com 23 ocorrências, cujo uso é mais isolado que combinado com outros nomes, na seguinte proporção: 15 usos isolados e 8 combinados com outro nome, tanto antes quanto depois. No Brasil, não está entre os 50 nomes mais utilizados e, no Rio Grande do Sul, tampouco figura entre os nomes masculinos mais comuns. Atualmente, no entanto, parece ser um nome em evidência, pois nos registros de meninos do Rio Grande do Sul no ano de 2014, o nome encontra-se em 9º lugar, com 1.524 ocorrências. Com base nesses dados, é possível inferir que é um nome em ascensão, uma vez que os alunos do *campus* Bento Gonçalves são, na grande maioria, jovens e adolescentes, e o nome continua em evidência nos registros de meninos nascidos no Rio Grande do Sul.

Guérios (1973, p. 147) interpreta o nome de diferentes maneiras. É possível que seja uma abreviação de “*Lucanus*: 'da Lucânia, natural da Lucânia', província meridional da Itália. *Lucania*: 'terra de luz’”. O autor afirma ainda que é possível que o nome provenha diretamente da palavra latina *lux*, com o significado de luz e que por esse motivo seria sinônimo de *Lúcio*. A mesma interpretação é dada por Obata (1986), Andrade (1994) e Oliver (2005), e este último acrescenta a variante popular *Luca*.

Júlia: é o segundo nome feminino com a maior quantidade de ocorrências (22) no *corpus*, sem estar combinado com outro nome em 20 situações. No Brasil, não consta na listagem dos 50 nomes mais utilizados e, no Rio Grande do Sul, tampouco aparece na lista dos nomes femininos mais comuns. Por outro lado, ao analisar os nomes dados às crianças nascidas em 2014 no Estado, percebe-se que é um nome bastante escolhido, figurando na 10ª

posição entre os nomes femininos mais frequentes. Por esse motivo e pelo fato de os estudantes do *campus* Bento Gonçalves serem, em sua maioria, jovens e adolescentes, é possível afirmar que Júlia é um nome da moda dos últimos anos.

A origem do nome está, para Guérios (1973, p. 136), na palavra latina *Julius*, que significa “o luzente, o brilhante; ou derivado de Joviluis, da base Jovis, genitivo de Júpiter”. Para Obata (1986, p. 121), o nome foi difundido a partir do imperador romano Júlio César, ao que Oliver (2005, p. 431) acrescenta que “o nome foi muito comum na França e na Itália durante o século XVI, nas variantes Julie e Giulia, respectivamente”.

Guilherme: é o 6º nome masculino mais frequente do *corpus* analisado, com 20 ocorrências divididas desta forma: 12 usos como nome único e 8 combinados com outros nomes, com destaque para Guilherme Henrique. No Brasil, o nome não está entre os 50 nomes mais comuns, embora no Rio Grande do Sul figure na posição 34, entre os nomes masculinos mais utilizados. Também se pode dizer que o nome continua em evidência, pois em 2014 o nome ficou na posição de número 13 entre os nomes masculinos mais frequentes do Rio Grande do Sul.

Para Guérios (1973, p. 120), a origem está no germânico *Willahalm*, usado no alemão atual como “Wilhelm: 'que protege, protetor (helm) por sua própria vontade (will)”. Obata (1986, p. 97) também faz referência ao germânico *Will-helm* com o significado de “elmo-voluntarioso ou, em tradução livre, protetor decidido”. Para a autora, é um nome bastante popular nos países de tradição germânica e é também muito usado no feminino como *Guilhermina*. Oliver (2005, p. 179) encontra dificuldade na interpretação do nome por causa do primeiro elemento do nome “1) De *vilja*, *wailja*, *Will* (vontade) e *helma*, *hilms* (elmo, proteção), sig. protetor pronto (disposto). Há quem traduza elmo resoluto. 2) Outra interpretação: aquele que se encontra sob a proteção de Vili⁵”.

Rafael: é o 7º nome masculino mais comum com 19 ocorrências no total, cujo uso ocorre mais isolado que combinado com outros nomes: 15 situações como nome único e 4 como nome combinado. No Brasil, figura na lista dos 50 nomes mais utilizados, situando-se na posição de número 34, com 479.300 ocorrências. No Rio Grande do Sul, está em 20º lugar entre os nomes masculinos e, em 2014, foi escolhido para ser o nome de 986 meninos, figurando em 16º lugar entre os nomes masculinos mais frequentes.

⁵ “*Vili* é um dos irmãos de Odin, deus da poesia, sabedoria, eloquência e das fórmulas mágicas, nos panteões nórdico e germânico, cujo nome também deriva do germânico *Will*” (OLIVER, 2005, p. 179).

Todos os autores consultados para identificar a etimologia e os significados do nome Rafael concordam com a origem hebraica do nome com o significado de “Deus curou ou Deus tem curado” (GUÉRIOS 1973, p. 185; OBATA 1986, p. 164; ANDRADE, 1994, p. 108; OLIVER, 2005, p. 274). Oliver (2005, p. 274) ainda acrescenta que o nome foi muito usado tanto por judeus quanto por cristãos durante a Idade Média e apresenta o nome em outras línguas, como em espanhol (*Rafael*), em italiano (*Rafaele* ou *Rafaello*), em francês (*Raphael*), em russo (*Rafaél* ou *Rafaíl*), entre outros.

Gabriel: é o 8º nome masculino mais frequente no *corpus* analisado, com 18 ocorrências, na seguinte distribuição: 12 usos como nome único e 6 combinados com outro. No Brasil, não está entre os 50 nomes mais comuns e tampouco no Rio Grande do Sul figura entre os 40 nomes masculinos mais utilizados. Atualmente, no entanto, os dados evidenciam um nome em ascensão, uma vez que em 2014 foi o 7º nome masculino mais registrado em crianças nascidas no Estado.

Existe concordância entre os autores consultados para identificar a etimologia e os significados quanto à origem do nome *Gabriel* ser hebraica, com o significado de “homem de Deus”. (GUÉRIOS 1973, p. 113; OBATA 1986, p. 89; ANDRADE, 1994, p. 61; OLIVER, 2005, p. 168). Obata (1986, p. 89) ainda acrescenta que é o “nome do arcanjo que anunciou a Maria a sua escolha para Mãe do Salvador; por esse motivo, o papa Pio XII tornou-o padroeiro do rádio e da televisão”.

4 Considerações finais

A partir da análise dos 10 nomes com maior quantidade de ocorrências entre os alunos do *campus* Bento Gonçalves, podem ser tecidas algumas considerações, tanto de origem e significados, quanto dos usos – em relação aos nomes mais utilizados no Rio Grande do Sul e no Brasil. Em primeiro lugar, conforme já mencionado anteriormente, há mais nomes masculinos na lista dos 10 mais comuns, o que pode evidenciar que na escolha dos nomes de meninos existe mais conservadorismo que na escolha dos nomes para meninas.

Embora todos os 10 nomes da lista sejam bastante populares no Brasil e no Rio Grande do Sul, ao verificar a etimologia, percebem-se origens étnico-linguísticas diversas, como a origem germânica (Luís, Henrique, Guilherme), a anglo-saxônica (Eduardo), a latina (Lucas, Júlia), a hebraica (Rafael, Gabriel). Há também casos em que se registram divergências em relação ao étimo do nome (Maria, Antônio). Nos substratos linguísticos desses nomes, estão os povos que, direta ou indiretamente ocuparam a Península Ibérica, onde

se localiza Portugal, a cuja história liga-se, obviamente, a língua e, conseqüentemente, os próprios nomes das pessoas, consoante ponderações de Carvalhinhos (2007).

Quanto aos significados dos nomes, nota-se que eles têm sua origem em profissões ou ocupações (Luís, Henrique, Eduardo, Guilherme), em características físicas ou comportamentais (Júlia), em topônimos (Lucas) e na presença de Deus (Rafael, Gabriel). Há outros cuja interpretação do significado é variada e incerta (Maria, Antônio), já que o étimo deles também é interpretado de forma variada ou divergente.

Em relação à frequência, dos 10 nomes analisados, apenas 4 aparecem na lista dos nomes mais comuns no Brasil, 07 estão na listagem do Rio Grande do Sul e todos estão na lista dos nomes mais populares com os quais foram nomeadas as crianças nascidas no Estado em 2014. Nesse sentido, pode-se afirmar que, entre os 10 nomes analisados, verificam-se modas onomásticas, isto é, nomes que são mais frequentes em determinadas épocas: se em 2014 os nomes Júlia e Gabriel estão na lista dos mais utilizados no Estado e em 1988 não, é possível inferir que nos últimos anos esses nomes entraram em evidência. Por outro lado, há nomes consagrados que podem ser vistos como perenes, como é o caso de Maria e Luís: são os nomes mais frequentes de cada gênero no *corpus* analisado e no levantamento realizado por Klering (1988) no Rio Grande do Sul. Eles encontram-se também entre os nomes mais utilizados no Brasil e continuam sendo usados para nomear crianças nascidas no Rio Grande do Sul, conforme dados de 2014.

Por fim, as presentes reflexões mostraram uma pequena parcela do que é possível analisar em relação aos nomes dos alunos do *campus* Bento Gonçalves, principalmente em relação à frequência, à origem e ao significado. Outros estudos poderão ser realizados a partir do projeto de pesquisa citado na introdução, no qual este artigo encontrou subsídios, tais como o estudo dos sobrenomes, principalmente no que se refere à identificação da origem étnica e as relações entre os sobrenomes e a história sociocultural de Bento Gonçalves e da região, de onde os alunos provêm.

Conclui-se, dessa forma, que é possível realizar estudos interdisciplinares em relação à análise dos nomes próprios de pessoas, uma vez que a Onomástica pertence à Lexicologia, mas a reflexão sobre os nomes é também um fenômeno ligado ao campo da Cultura e, quanto à escolha do nome, poderá haver um diálogo até mesmo com a área da Psicologia. Ademais, o estudo empreendido neste artigo tem sua relevância no que se refere ao significado etimológico dos nomes listados, já que nem sempre sabemos o que os nomes próprios de pessoas significam quando são escolhidos para serem dados a um recém-nascido.

STUDENTS' NAMES OF IFRS *CAMPUS* BENTO GONÇALVES: AN ONOMASTIC STUDY

Abstract: This paper proposes an anthroponymic study of the names of students at IFRS campus Bento Gonçalves. Therefore, a survey was conducted of 10 forenames or first names that occur more frequently, which were quantitative and etymologically analyzed, taking into account the uses of these names in Rio Grande do Sul and in Brazil as well. Moreover, issues related to onomastic and, within this area, anthroponymy, are discussed.

Keywords: Onomastic. Anthroponymy. Forenames. IFRS *campus* Bento Gonçalves.

Referências

ANDRADE Janete de. **O étimo dos nomes próprios**. São Paulo: Thirê, 1994.

ARPENRS. **Os 100 nomes mais registrados no Rio Grande do Sul em 2014**. 2015. Disponível em: <http://www.arpenrs.com.br/novo/index.php?conteudo=noticia.php&id=3676> Acesso em: 20 ago. 2015.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. In: **Domínios de Lingu@gem**, Ano 1, nº 1, 1º Sem. De 2007. Disponível em : <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

DAUZAT, Albert. **Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms**. 4 ed. Paris: Delagrave, 1950.

FROSI, Vitalina Maria. Sobrenomes italianos: um estudo onomástico. In: **Signum: Estudos da Linguagem**. Vol. 17, n. 2, p. 389-412, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/18397>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

KLERING Luis Roque. **Nomes mais comuns na terra do Rio Grande do Sul (RS)**. (1988). Disponível em: <www.terragaucha.com.br/nomesRS>. Acesso em: 16 out.2012.

MARCATO, Carla. **Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana**. Bologna: il Mulino, 2009.

MARTINS, José Roberto. **Presságios: o livro dos nomes**. São Paulo: Alegro, 2002.

MEXIAS-SIMON, Maria Lucia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. **O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios**. Rio de Janeiro: HP, 2004.

MIORANZA, Ciro. **Filius Quondam**: a origem e o significado dos sobrenomes italianos. 2 ed. São Paulo: Larousse, 2009.

OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

OLIVER, Nelson. **Todos os nomes do mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PROSCORE. **Os 50 nomes mais utilizados no Brasil**. 2014. Disponível em :
<www.proscore.com.br/site/index.php?action=Os50NomesMaisUtilizadosNoBrasil> Acesso em: 20 ago. 2015.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. In: **Múltiplas perspectivas em linguística**: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2015.

VASCONCELOS, José Leite de. **Opúsculos**. Coimbra: Imprensa da Universidade, v. III, 1931.